

## **Muçulmanos em Curitiba – Uma análise das dinâmicas identitárias a partir do jornal Assiráj**

Jakson Hansen Marques

O artigo “Muçulmanos em Curitiba – Uma análise das dinâmicas identitárias a partir do jornal Assiráj” escrito pelo doutorando Jakson Hansen Marques apresenta em suas primeiras linhas a dúvida que motivou a produção da pesquisa. Isto é, como uma comunidade dividida igualmente entre xiitas e sunitas pode ter uma parte significativa de sua identidade formada pela veiculação de um jornal de claras representações xiitas? O jornal mencionado atende pelo nome de Assiráj e possui em seu horizonte ideológico o desejo de promover um discurso “anti-ocidentalista”, marcar oposição a uma suposta mídia mal intencionada que procura denegrir o Islã e estigmatizá-lo. Para a realização de tal empreitada, os dirigentes do jornal optaram e reiteram constantemente a escolha por um referencial xiita na manufatura dos conteúdos jornalísticos.

A forma como o Xiismo e o Sunismo são encarados dentro da comunidade ganha contornos variados a partir das definições acerca dos moldes do jornal. Este processo organiza a identidade muçulmana dos praticantes, mas ele não ocorre sem conflitos: “(...) as identidades estão em constante tensão e negociação, principalmente nos discursos e nas práticas da mesquita.” (Marques, 2013, p.194)

Para justificar a relevância do jornal para a questão identitária do grupo, o autor expõe alguns dados sobre as origens da comunidade e seu espaço de convivência. Segundo Marques, a comunidade muçulmana curitibana (e os demais agrupamentos do Paraná) são produtos da quarta leva de imigração árabe para o Brasil que ocorreu entre os anos de 1971 e 2000. (*ibidem*, p.195) Os membros são em sua maioria libaneses e Palestinos que escaparam de seu país de origem durante o acirramento das disputas políticas e guerras na região. Dado importante é o pertencimento majoritário destes imigrantes e suas respectivas famílias a vertente xiita. A sociabilidade dos praticantes ocorre nas dependências da Sociedade Beneficente Muçulmana do Paraná, cuja existência data de 1957 e é liderada atualmente por um *shaykh* xiita.

Contudo, nem sempre foi assim. Até 1986 a liderança religiosa ficou ininterruptamente a cargo de *shaykh*'s sunitas. A mudança ocorreu quando o governo pós-revolucionário do Irã passou a disputar o controle do Islã internacional com a Arábia Saudita. Em decorrência das consideráveis doações provenientes do Irã, a mesquita passou a não mais poder escolher quem seria o *shaykh* da instituição. A partir deste momento e de forma definitiva, a mesquita passou a ser controlada pela orientação xiita.

Outro tema possui significativa importância no interior da comunidade muçulmana de Curitiba: garantir a sobrevivência do idioma árabe como instrumento de preservação da religião islâmica e da cultura árabe na diáspora. Utilizando o conceito de “comunidade imaginada”, forjado pelo teórico Benedict Anderson, o autor afirma que o árabe possui “(...) uma grande eficácia simbólica na constituição dessa imaginação social do grupo.” (*ibidem*, p.203) O jornal, portanto, se apresenta como uma nova expressão da língua materna, a linguagem escrita cumpre os objetivos ansiados pelo grupo. Segundo o presidente da SBMPR, o interesse principal era estabelecer um canal de comunicação com a sociedade curitibana e abrir uma porta para que os não-muçulmanos possam entrar em contato com o Islamismo sem incorrer nos perigos de ler os relatos da grande mídia.

Apesar de não possuir uma orientação editorial fixa, o periódico semestral atenta em todas suas edições para a política externa em uma tentativa de produzir um discurso de combate ao que consideram ser uma perseguição contra os muçulmanos. Nessa atitude de resistência, são também ressaltados com freqüência os martírios dos *Imams* e o valor positivo da revolução iraniana. Ademais, a proximidade entre os países que formam a *ummah* (comunidade universal) também é reafirmada através dos debates acerca da presença Islâmica no mundo e da necessidade de união entre os povos do profeta. Para tal, foi inclusive criada uma seção no jornal dedicada a discutir exclusivamente “(...) assuntos referentes à comunidade muçulmana local e sua interação com a comunidade muçulmana global.” (*ibidem*, p.209)

O elemento do Xiismo, de acordo com as informações dadas sobre o jornal e com o vice-presidente da SBMPR, viria justamente para fomentar o desejo dos

imigrantes de se interar cada vez mais do universo islâmico, estreitar os laços transnacionais entre os países e frisar a oposição construída discursivamente entre muçulmanos e os “outros”. O fato da elite xiita da comunidade ser detentora da “máquina” (*ibidem*, p.221) mais eficiente para moldar a identidade religiosa do grupo em uma esfera local (*ibidem*, p.221) e global a torna detentora de um grande poder. O de influenciar a comunidade sunita através dos seus modelos, ideias e representações míticas/históricas (*ibidem*, p.221). O produto dessa polarização mascarada pelo ideal de unidade são divergências internas (que não se sobrepõe ao desejo e a realização de uma prática solidária e orgânica, segundo os próprios membros) entre os freqüentadores da mesquita baseadas em suas diferentes concepções a respeito do que é o verdadeiro Islã.

**Irene Niskier**